

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.002



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A PARUSIA COMO RAZÃO DA ESPERANÇA CRISTÃ EM 1 TESSALONICENSES 4.13-18

The Parousia as a reason for christian hope in 1 Thessalonians 4.13-18

Régis Carvalho Bueno<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresentou, a partir de uma análise de parte da primeira carta de Paulo endereçada à igreja em Tessalônica, o conceito de esperança cristã que deriva do caráter escatológico do escrito, em contraste com a perspectiva fatalista da cultura greco-romana, demonstrando brevemente o contexto cultural dos cristãos tessalonicenses. Expõe aspectos de dúvidas e questionamentos que fazem parte deste grupo, enquanto cristãos ainda imaturos, e a possibilidade da esperança encontrada no conhecimento da verdade da Escritura.

**Palavras-chave:** Esperança. Escatologia. Cultura. Paganismo. Novos convertidos.

### ABSTRACT

Based on an analysis of part of Paul's first letter to the church in Thessalonica, this article presented the concept of Christian hope that derives from the eschatological character of the writing, in contrast with the fatalistic perspective of Greco-Roman culture, briefly demonstrating the cultural context of the Thessalonian Christians. It exposes aspects of doubt and questioning that are part of this group, as Christian who are still immature, and the possibility of hope found in knowing the truth of Scripture.

**Keywords:** Hope. Eschatology. Culture, Paganism. New converts.

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR, pós-graduado *latu sensu* em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Alvorada Paulista – FAP, pós-graduado *latu sensu* em Psicologia e Aconselhamento Pastoral pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Pastor na Igreja Batista Independente de Campo Bom e Professor no Seminário Teológico Batista Independente do Sul – STBISUL. E-mail: [regisbueno@gmail.com](mailto:regisbueno@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Momentos de caos não são uma novidade no mundo. A Bíblia afirma que, desde a queda, o ser humano sofre com inúmeras circunstâncias e vários efeitos do pecado em sua vida e na sociedade. Paulo, em Romanos 8.22, afirma que “(...) *toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto*”.<sup>2</sup>

Tempos de dificuldades e intempéries sempre trazem à tona o tema esperança, o qual normalmente permanece esquecido e adormecido nos períodos de paz e tranquilidade, mas que recebe atenção especial em momentos difíceis. Tal situação não se restringe àqueles que não conhecem ou não servem a Deus, mas o mesmo Paulo ainda acrescenta: “nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.22-23).

A igreja de Tessalônica, conforme o relato lucano em Atos 17, já surge em um momento bastante conturbado. Paulo saiu de Tessalônica sob intensa perseguição, o que lhe causou preocupação quanto ao futuro daquela comunidade.<sup>3</sup>

O apóstolo se alegrou ao receber notícias, a partir de Timóteo, acerca daqueles irmãos e foi certificado que permaneceram firmes (1Ts 2.1-5).<sup>4</sup> Paulo agradeceu a Deus (*por todos vocês, mencionando-os em nossas orações* (1Ts 1.4)) e elogiou a igreja por seu trabalho, pelo “*esforço motivado pelo amor e a perseverança*” (1Ts 1.3). No entanto, isso não significava a ausência de pontos a serem ajustados na teologia e na vida da igreja. Paulo então escreveu a Primeira Carta aos Tessalonicenses para tratar dessas questões. Este foi, provavelmente, “o primeiro e mais antigo escrito preservado da era apostólica e, conseqüentemente, algo parecido com uma célula da qual germinou o NT!”<sup>5</sup>

Por se tratar de escrito tão incipiente, Paulo nele tratou pontos importantes e basilares a serem observados pela igreja para corrigir esses problemas. Surgiram alguns aspectos preocupantes para Paulo e que seriam a primeira carta, segundo Hernandes Dias Lopes:

Alguns irmãos pararam de trabalhar em virtude da iminente volta de Cristo, criou-se confusão nos crentes acerca do destino dos crentes na morte física, surgiu uma tendência a desprezar as autoridades terrenas, sofriam um grande risco de retorno à imoralidade e impureza anteriores, além do surgimento de um grupo resistente à liderança paulina, o qual poderia implicar em disputas internas e divisões.<sup>6</sup>

Dentre os diversos pontos de dificuldade para aquela igreja, a questão quanto à partida de entes queridos, cristãos fiéis que aguardavam a Parusia com expectativa e confiança, abalou a fé daqueles irmãos, ao ponto de se questionarem se era a melhor alternativa permanecer no cristianismo, o que Paulo responde com convicção e certeza.

<sup>2</sup> Nesta pesquisa será utilizada a versão bíblica NVI, salvo por indicação quando utilizada outra.

<sup>3</sup> LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses**: como se preparar para a Segunda Vinda de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 24.

<sup>4</sup> LOPES, 2008, p. 24.

<sup>5</sup> BOOR, Werner de. **Comentário Esperança**: Primeira Carta aos Tessalonicenses. Curitiba: Esperança, 2007, p. 21.

<sup>6</sup> LOPES, 2008, p. 25-26.

Diante dessas questões, este artigo, no seu primeiro ponto, falará sobre o caráter escatológico concebido por 1 Tessalonicenses, o qual é utilizado para apresentar a morte e ressurreição de Jesus como algo muito além de um evento já ocorrido, mas como a primeira razão da esperança cristã. O contexto histórico daquela época é a discussão do segundo ponto, pois é imperioso lembrar os conceitos grego e romanos, que estavam em total dissonância com a visão cristã da ressurreição e glorificação do corpo.

No terceiro ponto será abordado o dilema dos recém-convertidos, que não conseguiam entender o que acontecia com aqueles que faleceram enquanto aguardavam pela Parusia, o retorno do Senhor. No último ponto analisar-se-á os conselhos de Paulo para a igreja em Tessalônica, e a afirmação do que acontecerá com os crentes que morreram no Senhor. Por fim, ver-se-á que a intervenção de Paulo esclareceu o dilema aos tessalonicenses, através de afirmações quanto à esperança também para os que já partiram.

## 1. O CARÁTER ESCATOLÓGICO DE 1 TESSALONICENSES

A primeira carta aos Tessalonicenses se apresenta como uma importante fonte escriturística acerca dos acontecimentos consoantes ao fim dos tempos. Conforme De Boor, *“essa carta não apenas tem algumas passagens escatológicas, mas é ‘escatológica’ de ponta a ponta”*.<sup>7</sup>

Embora em uma leitura rápida e despercebida, muitas vezes, o sentido mais profundo e amplo do texto não seja compreendido, uma análise mais detalhada e atenta descortinará que, para Paulo, *“O ‘dia do Senhor’ é o ponto focal a partir do qual se forma toda a perspectiva da visão de mundo dos cristãos”*<sup>8</sup>, ou seja, a cosmovisão cristã se dá a partir da esperança escatológica da volta do Messias.

Gundry assevera que as cartas de Paulo aos Tessalonicenses são grandes ensinamentos no tocante à segunda vinda de Cristo e os acontecimentos contíguos a sua vinda. Para ele, 1 e 2 Tessalonicenses são, juntamente do sermão escatológico de Jesus e do Apocalipse de João, as grandes seções proféticas no Novo Testamento.<sup>9</sup>

Na perícope compreendida entre os versos 13 e 18 de 1 Tessalonicenses 4, Paulo dá a mais direta e completa descrição da *Parusia* de Cristo. A palavra grega *Parusia* descreve a vinda ou chegada de um rei. No grego clássico seu significado era mais genérico, sendo apenas presença ou vinda de uma pessoa.<sup>10</sup>

No período helenista, *Parusia* se tornou a palavra técnica para referir-se à vinda de um imperador, de um rei, de um governador ou outra pessoa importante à cidade, à província, o que demandaria preparativos e expectativa. Ainda, *Parusia* poderia expressar a visita de um deus, de forma que Paulo considerou essa palavra adequada para descrever o retorno de Jesus

---

<sup>7</sup> BOOR, 2007, p. 20-21.

<sup>8</sup> BOOR, 2007, p. 20-21.

<sup>9</sup> GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 440.

<sup>10</sup> LOPES, 2008, p. 104.

Cristo.<sup>11</sup> Paulo apresentou o querigma cristão, qual seja, a morte e ressurreição de Jesus, como a primeira razão da esperança cristã, de maneira que um evento passado.<sup>12</sup>

O apóstolo ainda disse que “se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram” (1Ts 4.14), de maneira que se pode observar uma relação condicional entre “crer que Jesus morreu e ressurgiu” (1Ts 4.14), e crer que “(...) Deus trará (...) aqueles que nele dormiram” (1Ts 4.14).

Logo após, o Apóstolo descreveu a Parusia de Cristo como a segunda causa da esperança cristã (cf. 15-17), um acontecimento futuro que também traz consequências ao presente. Por fim, a consolação mútua completa o quadro descritivo paulino (v.18).

## 2. A DESESPERANÇA DO MUNDO PAGÃO

O mundo greco-romano dos dias de Paulo era um mundo absolutamente sem esperança.<sup>13</sup> Paulo ao escrever aos Efésios afirmou que “naquela época vocês estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12), de tal forma que, se não fosse o entendimento renovado a partir do cristianismo, nada faria absoluto sentido.

Lopes assevera que, ao fazer a afirmação de 1 Tessalonicenses 4.13, Paulo tinha em mente a “desesperança daqueles que não conhecem a Deus”<sup>14</sup>, visto que o mundo pagão era “completamente desprovido de esperança. O futuro para eles era sombrio e ameaçador”.<sup>15</sup>

Para os gregos, o *post-mortem* no Hades sombrio, se comparado ao seu mundo anterior vivido em uma terra ensolarada, está longe de inspirar algum conforto, sendo mais facilmente entendido como um lugar deplorável, onde os mortos lamentam sua existência.<sup>16</sup> Ainda, o conceito grego e romano não admitia futuro algum para *o corpo*, o qual chegou a ser chamado de *prisão da alma*<sup>17</sup>, em total dissonância com a visão cristã da ressurreição e glorificação do corpo.

## 3. AS INCERTEZAS DOS RECÉM-CONVERTIDOS

Os tessalonicenses, outrora imersos nessa realidade, dado que a igreja era predominantemente formada por gentios<sup>18</sup>, conforme a afirmação de Paulo em 1 Tessalonicenses 1.9, não obstante estarem em brutal perseguição, entristeceram-se em virtude daqueles que faleceram enquanto aguardavam pela Parusia, o retorno do Senhor.<sup>19</sup>

<sup>11</sup> LOPES, 2008, p. 104.

<sup>12</sup> PAGANOTTO, Diones Rafael. **A parusia de Cristo segundo Paulo**: um estudo exegético-teológico de 1Ts 4.13-18. Dissertação de Mestrado PUC-SP p. 155. Disponível em <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/18371/1/Diones%20Rafael%20Paganotto.pdf>>. Acesso em 05/11/2022.

<sup>13</sup> HENDRIKSEN, William. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon**. Tradução de Hope Gordon Silva, Valter Graciano Martins e Ézia Cunha Mullins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 130.

<sup>14</sup> LOPES, 2008, p. 102.

<sup>15</sup> LOPES, 2008, p. 102.

<sup>16</sup> HENDRIKSEN, 2007, p. 131.

<sup>17</sup> HENDRIKSEN, 2007, p.130.

<sup>18</sup> GUNDRY, 2011, p. 440.

<sup>19</sup> LOPES, 2008, p. 102-103.

Os crentes de origem judaica tinham um conhecimento prévio mais sólido que os gentios acerca do futuro, ainda que incompleto e imperfeito. O conceito judaico era de que os mortos aguardavam em um lugar chamado *sheol*, quer para crentes, quer para não crentes.<sup>20</sup>

Boa parte dos judeus, exceto os saduceus (Mt 22.23), criam na ressurreição do último dia. Acreditavam que todos haveriam de morrer e que no fim do mundo haveria uma ressurreição geral e um julgamento geral.<sup>21</sup> Marta, ao ouvir Jesus afirmando que ressuscitaria Lázaro, seu irmão, respondeu ao Mestre dizendo saber que *“ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia”* (Jo 11.24), embora naquele momento Jesus não estivesse referindo-se a isso. Todavia, em uma igreja de maioria gentia, tal convicção ainda não era presente.

Não há consenso entre os estudiosos quanto ao que exatamente motivava tal situação de tristeza. Hendriksen pondera que não é possível afirmar, a partir do texto bíblico, que os irmãos de Tessalônica realmente criam que os entes queridos que haviam partido *“estavam perdidos”*.<sup>22</sup> Lopes considera que o motivo de tal condição era *“que julgavam que seus entes queridos, os crentes que dormiam em Cristo haviam perecido”*.<sup>23</sup>

Outra possível explicação é que *“eles tivessem perdido toda a esperança na futura glória dos corpos daqueles que haviam falecido”*<sup>24</sup> e, dessa forma, considerassem que aqueles que dormiram estariam em uma condição de inferioridade em relação aos que estivessem vivos na parusia. Para a fé cristã, o corpo sempre foi parte essencial da pessoa humana. Sproul nos lembra que *“quando recitamos o Credo Apostólico e dizemos: ‘Creio na ressurreição do corpo’, estamos expressando nossa confiança de que nosso corpo será ressuscitado”*.<sup>25</sup>

A crença na ressurreição de Cristo torna-se base para crer na ressurreição do último dia, pois *“uma vez estabelecida a ressurreição de Cristo a nossa vem naturalmente, porquanto essa é inseparável daquela”*<sup>26</sup>, conforme a afirmação de Paulo em 2 Coríntios 4.14: *“porque sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos, também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará com vocês”*.

Há, portanto, um claro contraste entre as visões cristã e pagã no tocante ao futuro, e isso certamente mudará a noção de esperança que cada cultura possuirá. Nesse ínterim, certamente ao falar de esperança do ponto de vista cristão, tal tema de forma alguma poderia ser dissociado de um entendimento da expectativa escatológica, o que é proposto por Paulo no v.13: *“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes”*.

<sup>20</sup> MACDONALD, William. **Comentário bíblico Popular**: Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 725.

<sup>21</sup> MACDONALD, 2011, p. 725.

<sup>22</sup> HENDRIKSEN, 2007, p. 130.

<sup>23</sup> LOPES, 2008, p. 102-103.

<sup>24</sup> HENDRIKSEN, 2007, p. 130.

<sup>25</sup> SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos**: uma introdução à Teologia Sistemática. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017, p. 422.

<sup>26</sup> TURRENTINI, François. **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 3, p. 676.

#### 4. A ESPERANÇA PELO CONHECIMENTO DA VERDADE

Hendriksen considera que *“a ignorância no tocante às realidades espirituais é sempre algo ruim para o crente. Ela o priva do conforto”*.<sup>27</sup> Dessa forma, uma preocupação iminente de Paulo era fazer com que os seus irmãos tessalonicenses compreendessem as verdades acerca da vinda de Cristo e das suas implicações para a vida cotidiana.

Para os cristãos em Tessalônica, instalou-se uma grande confusão acerca do destino dos crentes que *“dormiram”* (4.13-18). Alguns consideravam que se alguém morresse antes da segunda vinda de Cristo estaria em total prejuízo em relação aos vivos.

O termo dormir é, com frequência, usado na linguagem bíblica como referência à morte física.<sup>28</sup> Embora em Mateus 27.52 a NVI opte pela tradução do termo *κεκοιμημένων* (kekoimēmenōn) por *“morrido”* por conveniência de tradução, pode-se ler na ARA: *“abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram”*. Para Bruce, o uso do termo dormir para referir-se à morte física foi resgatado pelos judeus cristãos em virtude da ressurreição de Cristo.<sup>29</sup>

O mesmo termo aparece também em outros textos do Novo Testamento, como em João 11.11-13, Atos 7.60, 1 Coríntios 7.39, 15.6,18 e Apocalipse 14.13. MacDonald defende que a *“palavra “dormir” é sempre usada em relação ao corpo dos cristãos que já partiram, e nunca com respeito ao espírito ou à alma”*<sup>30</sup>, de maneira que a morte referida nesse caso não é a morte espiritual, mas física.

Ainda nesse ínterim, em que pese a igreja estar grandemente abalada pelas perdas de irmãos e parentes queridos da comunidade, não há indicação de que as mortes referidas no texto estivessem necessariamente ligadas à sua *“tribulação”*, ou a um tipo de perseguição. A expressão *“que adormeceram por meio de Jesus”* não é usada para esse fim no referido contexto<sup>31</sup>, mas sim, um indicativo da condição de salvos dos falecidos.

Paulo, portanto, afirmou que os crentes que morreram no Senhor *“não estavam em desvantagem em relação aos que estiverem vivos até à volta do Senhor”*<sup>32</sup>, visto que a sua ressurreição, no último dia, era garantida pela ressurreição de Cristo, uma vez que são chamados por ele de *“aqueles que nele dormiram”* (1Ts 4.14). Assim, vivos ou mortos, os crentes *“estão em Cristo”*, compartilhando assim de sua glória.<sup>33</sup>

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, os momentos de caos e dúvidas para o ser humano apareceram já na queda, desde então o ser humano sofre com os efeitos do pecado. Isso não foi diferente para

<sup>27</sup> HENDRIKSEN, 2007, p. 129.

<sup>28</sup> HENDRIKSEN, 2007, p. 129.

<sup>29</sup> BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de Valdemar Kroger. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012, p. 1394.

<sup>30</sup> MACDONALD, 2011, p. 725.

<sup>31</sup> BOOR, 2007, p. 71.

<sup>32</sup> LOPES, 2008, p. 25.

<sup>33</sup> BRUCE, 2012, p. 1395.

os cristãos da igreja em Tessalônica, que ao se depararem com uma questão aparentemente sem resposta, ou ainda o que poderia ser pior, com uma aparente resposta que lhes tirava a esperança, fez com que questionassem sua fé em Cristo Jesus.

No contexto em que estavam inseridos, e com a expectativa de uma iminente volta do Senhor Jesus Cristo, a esperança daqueles recém-convertidos se dissipava a cada partida de um ente querido, acreditando que com ela também se ia a esperança da vida eterna com Cristo. A intervenção de Paulo foi essencial para lhes fazer entender sobre a necessidade de manterem sua esperança firmada em Cristo Jesus, pois aqueles que já haviam partido também teriam chance de gozar da vida eterna, acalmando o coração daquela igreja e reavivando a esperança.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA.** Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

**BÍBLIA.** Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

BOOR, Werner de. **Comentário Esperança, primeira carta aos Tessalonicenses.** Curitiba: Esperança, 2007.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos.** Tradução de Valdemar Kroker. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento.** 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HENDRIKSEN, William. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon.** Tradução de Hope Gordon Silva, Valter Graciano Martins e Ézia Cunha Mullins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses: como se preparar para a Segunda Vinda de Cristo.** São Paulo: Hagnos, 2008.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular: Novo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

PAGANOTTO, Diones Rafael. **A parusia de Cristo segundo Paulo: um estudo exegético-teológico de 1Ts 4.13-18.** Dissertação de Mestrado PUC-SP p. 155. Disponível em <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/18371/1/Diones%20Rafael%20Paganotto.pdf>>. Acesso em 05/11/2022

SPROUL, R. C. **Somos todos teólogos: uma introdução à Teologia Sistemática.** Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2017.

TURRENTINI, François. **Compêndio de teologia apologética.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 3.